



LIVRO DE RESUMOS

3º Congresso Nacional de Comunicação Clínica em Cuidados de Saúde

***Comunicação Clínica na Era COVID-19:
Novos Desafios e Oportunidades na
Prática e no Ensino***

Covilhã, 9 e 10 de julho 2021



FICHA TÉCNICA

Título

Livro de Resumos do 3º Congresso Nacional em Comunicação Clínica em Cuidados de Saúde - Comunicação Clínica na Era COVID-19: Novos Desafios e Oportunidades na Prática e no Ensino

Edição

Sociedade Portuguesa de Comunicação Clínica em Cuidados de Saúde (SP3CS)

Organizadores

Irene P. Carvalho (SP3CS)

Nuno Madeira (SP3CS)

Paulo Vitória (SP3CS)

Pedro Morgado (SP3CS)

ISBN: 978-989-33-3679-3

Índice

Enquadramento e Organização	6
Programa do Congresso	7
A Educação - fator preditor da Literacia em Saúde relativa à COVID-19 <i>Joana Gomes da Silva, Carla Sofia Vieira, Bárbara Alexandre, Pedro Morgado</i>	17
Perception of communication strategies, satisfaction, and quality of the nutrition teleconsultation during the COVID-19 pandemic <i>Joana Moreira, Margarida Figueiredo-Braga</i>	19
COVID X – Uma ferramenta lúdica de promoção da literacia em saúde, e de comportamentos protetores para COVID-19 <i>André Abreu, Rita Mesquita, João Martins, Margarida Nazaré, Beatriz Correia, Maria Menezes, Catarina Salvador, Henrique Bernardo, Francisco Silva, Sara Monteiro, Luís Sousa, Liliana Costa, Miguel Barbosa</i>	20
Comunicação Clínica na Era Digital: Lições da Pandemia de COVID-19 <i>Artemisa R. Dores, Andreia Geraldo, Fernando Barbosa, Irene P. Carvalho</i>	22
Treino de sessão educacional para doentes que iniciam radioterapia: implicações pós-COVID-19 <i>Ana Monteiro Grilo</i>	24
Comportamentos colaborativos e comunicação entre enfermeiros em Hospital de Dia de Oncologia <i>Carla Sousa, Margarida Figueiredo-Braga</i>	25
Ressonância Magnética sem anestesia na população infantil: A influência da comunicação clínica <i>Conceição Castro, Irene P. Carvalho, Isabel Ramos</i>	27
Tumores hereditários: experiências relacionadas com a comunicação do diagnóstico genético <i>Irene P. Carvalho, Raquel Martins</i>	29
Comunicação clínica e satisfação dos doentes: Correspondência entre a comunicação dos médicos na perspetiva dos seus doentes <i>Filipa Ramalho Silva, Vanessa G. Pais, Dilermando Sobral, Isabel Taveira-Gomes, Susana S. Almeida, Margarida Figueiredo-Braga, Irene P. Carvalho</i>	31

As metáforas como recurso na comunicação com pessoas com doença crónica	33
<i>Matilde Agostinho Neto, Ana Filipa Cardoso, Filipa Paraíso, Fernanda Lazzari Freitas, Petra Santos, Frédéric Oliveira, Maria João Coelho, Helena Felizardo, Inês Rosendo, Dilermando Sobral, Isabel Taveira Gomes, Raquel Martins, Raquel Pedrosa, Vanessa G. Pais, Ivone Castro Vale, Margarida Figueiredo-Braga, Irene P. Carvalho</i>	
Comunicação em contexto de prevenção tabágica: por que não basta informar	35
<i>Raphaella Priscilla Santos Lins, Paulo Vitória</i>	
Competências de Comunicação Clínica no Ensino Pré-graduado de Fisioterapia em Portugal	36
<i>Leonor Santos, Germano Couto, Rute Meneses</i>	
Experiência académica e sobrecarga dos estudantes de medicina no contexto da COVID-19	38
<i>Mariana Neves, Miguel Barbosa</i>	
Impacto do ensino online no desenvolvimento de competências de Comunicação clínica	39
<i>Carla M. Pereira, Teresa Dias, Inês Santos, Lúcia Domingues, Carmen Caeiro</i>	
Empatia e Coping em Estudantes de Tecnologias de Saúde	41
<i>Artemisa R. Soares, Helena Martins, Ana Reis, Irene P. Carvalho</i>	
Reabilitação neuropsicológica e a relação terapêutica em tempos de pandemia	43
<i>Andreia Geraldo, Artemisa R. Soares, Irene P. Carvalho, Sandra Guerreiro, Alexandre Castro-Caldas, Fernando Barbosa</i>	
Retrato de teleconsulta no contexto epidémico português: A perspetiva dos médicos	45
<i>Mariana Rodrigues, Maria Grazia Rossi, Ivone Ferreira</i>	
Relevância das Comissões de Ética na aquisição de competências de comunicação clínica	46
<i>Agostinho Cruz, Alberto Machado, Ana Paula Cabral, Diana Tavares, Helena Sousa, Henrique Curado, Isabel Faria, Manuela Amorim, Maria João Gonçalves, Paula Lopes, Pedro Monteiro</i>	
Approach to the sexuality: are the Family Physicians' communication Skills corresponding to the expectations of their patients?	47
<i>Andreia Rodrigues Silva, Margarida Figueiredo-Braga, Carla Veiga Rodrigues, José Vinhas</i>	
Preferência das pessoas com cancro sobre a transmissão de más notícias	49
<i>Joana Figueiredo, Ana Rita Santos, Ana Filipa Cardoso</i>	

Consultas informais - autoestrada ou caminho de terra? Um Relato de Caso <i>Joana Gomes da Silva, Sara Carlos, Pedro Morgado</i>	51
O papel do contexto físico do Hospital de Dia de Oncologia na comunicação entre enfermeiros <i>Carla Sousa, Margarida Figueiredo-Braga</i>	53
Impacto das Medidas de Controlo da COVID-19 na Saúde Mental: Revisão Sistemática da Literatura <i>Priscilla Bernardes da Silva, Paulo Vitória</i>	55
O acesso a cuidados de saúde mental em crianças e adolescentes <i>Márcia Rodrigues</i>	57
Regresso à escola. E agora? - Saúde MENTAL das crianças <i>Cristina Cruz, Sofia Ferreira</i>	58
Saúde Mental nos CSP - O papel do médico como aliado do utente <i>Ana Rita Delgado, Hermengarda Sousa Pinto, Orlando Vaz</i>	59
Humanização de cuidados e promoção de saúde mental através das redes sociais <i>Filipa Moteira, Anabela Silva, Ana Sofia Costa, Joana Costa, João Pedro Araújo, João Sousa, Pedro Sousa, Tiago Flores, Cristiana Lopes, Susana Oliveira, Cristiana Sousa</i>	60
As Competências de Comunicação dos Fisioterapeutas na Intervenção com Indivíduos com Afasia <i>Sílvia Queirós, Leonor Santos, Gemrano Couto, Rute Meneses</i>	61
Dar voz a quem não fala <i>Catarina Alves, Ana Peixoto</i>	62

Enquadramento e Organização

O 3º Congresso Nacional de Comunicação Clínica em Cuidados de Saúde foi organizado pela Sociedade Portuguesa de Comunicação Clínica em Cuidados de Saúde (SP3CS), em colaboração com o Departamento de Ciências Médicas da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior e com o Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior. Realizou-se nos dias 9 e 10 de julho de 2021, online.

O tema do 3º Congresso foi “Comunicação clínica na era COVID-19: Novos Desafios e Oportunidades na Prática e no Ensino”.

Comissão Organizadora:

Irene Carvalho (FM-UP)

Miguel Barbosa (FM-UL)

Nuno Madeira (FM-UC)

Paulo Vitória (FCSH-UBI)

Pedro Morgado (EM-UMinho)

Programa do Congresso

Sexta-feira, 9 de Julho	
8:15	Abertura do secretariado
9:00-9:30	Sessão de abertura - Reitor da UBI, Prof. Doutor Mário Raposo - Presidente do Departamento de Psicologia e Educação da UBI, Prof. Doutor Manuel Loureiro (DPE-UBI) - Presidente do Departamento de Ciências Médicas da UBI, Prof. Doutor Miguel Castelo-Branco (DCM-UBI) - Presidente da SP3CS, Prof. Doutora Irene Carvalho (FM-UP)
9:30-10:30	Conferência 1: Desafios de comunicação numa «Infodemia» Moderador: João Paulo Pina (Hospital de Santo Espírito da Ilha Terceira) Conferencista: Ricardo Mexia (Presidente da Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública - ANMSP)
10:30-11:00	Pausa

11:00-12:30	PAINEL 1: Ensino da comunicação clínica Moderador: Prof. Doutor Manuel Loureiro (DPE-UBI) - O ensino da comunicação nas escolas médicas portuguesas: Um autorretrato de jovens médicos Diana Moura (CRI Psiquiatria, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra; Instituto de Psicologia Médica, FM-UC) - Competências de comunicação clínica em tempos de pandemia: A adaptação ao ensino à distância Henrique Salgado (Serviço de Psiquiatria do Centro Hospitalar e Universitário de São João; Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, FM-UP) - CCPS- Co-Constructive Patient Simulation - Empoderando alunos e internos nas atividades de simulação Marco António de Carvalho Filho (Professor Associado de Emergências Clínicas - UMinho) - MEET - Medical Education Empowered by Theater - Freire e Boal na Escola de Medicina Adilson Ledubino (Ator, Diretor e Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Coordenador do Grupo O+ Paciente Simulado)
12:30-14:00	Almoço
14:00-15:30	PAINEL 2 – Comunicação na prática clínica na linha da frente Moderador: Prof. Doutor Miguel Castelo-Branco (DCM-UBI) - COVID-19 grave em UCI: Como comunicar com os doentes e com as famílias? Roberto Roncon (Centro Hospitalar e Universitário de São João e FM-UP) - Comunicação na linha da frente em enfermagem Mário Macedo (Hospital Garcia de Orta - Almada) - Comunicação à distância - a experiência da psicologia – linhas de apoio, intervenção psicológica à distância Eugénia Ribeiro (Escola de Psicologia da Universidade do Minho) - Ser doente na era COVID: Uma experiência real Cristina Rodrigues

15:30-16:00	Pausa
16:00-17:30	Comunicações livres (sessões paralelas) <u>Sessão Paralela 1 – Comunicação e COVID-19</u> Moderador: Prof. Doutor Miguel Telo de Arriaga (DGS) - A Educação- fator preditor da Literacia em Saúde relativa à COVID-19 Joana Gomes da Silva, Carla Sofia Silva, Bárbara Alexandre e Pedro Morgado (Universidade do Minho) - Perceção das estratégias de comunicação, satisfação e qualidade da teleconsulta de nutrição durante a pandemia de COVID-19 Joana Moreira e Margarida Figueiredo-Braga (Universidade do Porto) - COVID X – Uma ferramenta lúdica de promoção da literacia em saúde, e de comportamentos protetores para COVID-19 André Abreu e equipa (Universidade de Lisboa) - Comunicação clínica na Era Digital: Lições da pandemia de COVID-19 Artemisa R. Dores, Andreia Geraldo, Fernando Barbosa e Irene P. Carvalho (ESS-IPP e Universidade do Porto) - Treino de Sessão Educacional para doentes que iniciam radioterapia: Implicações no pós-COVID-19 Ana Monteiro Grilo (ESTeSL-IPL- Escola Superior de Tecnologia da Saúde, Instituto Politécnico de Lisboa)

	<u>Sessão Paralela 2 – Comunicação clínica em contexto hospitalar</u> Moderador: Dr. Dilermando Sobral (USFRamalde, Porto/FM-UP) - Comportamentos colaborativos e comunicação entre enfermeiros em Hospital de Dia de Oncologia Carla Sousa e Margarida Figueiredo-Braga (Universidade do Porto) - Ressonância magnética sem anestesia na população infantil: A influência da comunicação clínica Conceição Castro, Isabel Ramos e Irene P. Carvalho (CHUSJ e Universidade do Porto) - Comunicação na consulta farmacêutica hospitalar: Conteúdos relativos à segurança da terapêutica oncológica Afonso Miguel Cavaco (Universidade de Lisboa) - Tumores hereditários: Experiências relacionadas com a comunicação do diagnóstico genético Raquel G. Martins (IPO de Coimbra) e Irene P. Carvalho (Universidade do Porto) - Comunicação clínica e satisfação dos doentes: Correspondência entre a comunicação dos médicos na perspetiva dos seus doentes Filipa Ramalho Silva e Equipa (USLM, CHUSJ, CHEDV, IPO do Porto, USFRamalde, Universidade do Porto) <u>Sessão Paralela 3 – Comunicação clínica, ensino e educação</u> Moderadora: Prof. Doutora Carmen Caeiro (I. Politécnico de Setúbal)
--	---

	- As metáforas como recurso na comunicação com pessoas com doença crónica Matilde Neto e Equipa (ACESNorte, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, CHUSJ, CHEDV, IPO do Porto, USF de Ramalde e Universidade do Porto) - Comunicação em contexto de prevenção tabágica: Por que não basta informar Raphaela Lins e Paulo Vitória (Universidade da Beira Interior) - Competências de comunicação clínica no ensino pré-graduado de fisioterapia em Portugal Leonor Santos, Germano Couto e Rute Meneses (Universidade Fernando Pessoa) - Experiência académica e sobrecarga dos estudantes de medicina Mariana Neves e Miguel Barbosa (Universidade de Lisboa) - Impacto do ensino <i>online</i> no desenvolvimento de competências de comunicação clínica Carla M. Pereira, Teresa Dias, Inês Santos, Lúcia Domingues e Carmen Caeiro (I. Politécnico de Setúbal) - Empatia e <i>coping</i> em estudantes de Tecnologias da Saúde Artemisa R. Dorés, Helena Martins, Ana Reis e Irene P. Carvalho (ESS-IPP e Universidade do Porto) <u>Sessão de comunicações breves n.º 1: Reabilitação, (tele)consultas, ética e comunicação interpares</u>
--	--

	Moderadora: Doutora Maria Grazia Rossi (Universidade Nova de Lisboa) - Reabilitação neuropsicológica e a relação terapêutica em tempo de pandemia Andreia Geraldo, Artemisa R. Dores, Irene P. Carvalho, Sandra Guerreiro, Alexandre Castro-Caldas e Fernando Barbosa (Centro de Reabilitação Profissional de Gaia, ESS-IPP, Universidade do Porto e Universidade Católica Portuguesa) - Retrato da teleconsulta no contexto epidémico português: A perspetiva dos médicos Mariana Rodrigues, Maria Grazia Rossi e Ivone Ferreira (Universidade Nova de Lisboa) - Relevância das Comissões de Ética na aquisição de competências de comunicação clínica Comissão de Ética da Escola Superior de Saúde (I. Politécnico do Porto) - Abordagem à sexualidade: A comunicação dos médicos de família correspondem às expectativas dos seus doentes? Andreia Rodrigues Silva, Margarida Figueiredo-Braga, Carla Veiga Rodrigues, José Vinha (Universidade do Porto) - Preferência das pessoas com cancro sobre a transmissão de más notícias Joana Figueiredo, Ana Rita Santos e Ana Filipa Cardoso (Escola Superior de Enfermagem de Coimbra) - Consultas informais - autoestrada ou caminho de terra? - Um relato de caso Joana Gomes da Silva, Sara Carlos, Pedro Morgado (Universidade do Minho)
--	---

	- O papel do contexto físico do Hospital de Dia de Oncologia na comunicação entre enfermeiros Carla Sousa e Margarida Figueiredo-Braga (Universidade do Porto) <u>Sessão de comunicações breves n.º 2: Saúde mental e situações especiais (doente crítico, doente com dificuldades em falar e estudantes)</u> Moderadora: Prof. Isabel da Costa Silva (ESEL) - Impacto das medidas de controle da COVID-19 na saúde mental: Revisão sistemática da literatura Priscilla Bernardes da Silva e Paulo Vitória (Universidade da Beira Interior) - O acesso a cuidados de saúde mental em crianças e adolescentes Márcia Rodrigues (Centro Hospitalar e Universitário do Porto) - O regresso à escola. E agora? – Saúde mental das crianças Cristina Cruz e Sofia Ferreira (Secretaria Regional de Educação) - Saúde Mental nos CSP – O papel do médico como aliado do utente Ana Rita Delgado (USF Almedina) - Humanização de cuidados e promoção de saúde mental através das redes sociais Filipa Moreira e equipa (USF Gualtar) - “Possibilitar” a comunicação com a pessoa em situação crítica Maura Clemente e Anabela Mendes (Escola Superior de Enfermagem de Lisboa)
--	--

	- As competências de comunicação dos fisioterapeutas na intervenção com indivíduos com afasia Sílvia Queirós, Leonor Santos, Germano Couto e Rute Meneses (Universidade Fernando Pessoa) - Perceção dos estudantes de fisiologia clínica sobre as suas experiências de estágio Ana Salgado, Diana Tavares e Cristina Baeta (I. Politécnico do Porto)
17:30-18:00	Conferência de encerramento Moderadora: Artemisa Rocha Dores (ESS-IPP) - Apresentação da Carta de Princípios SP3CS Margarida Figueiredo Braga (FM-UP)
18:00-18:15	Sessão de encerramento - Comissão Organizadora
18:30-19:30	Assembleia Geral da SP3CS (para sócios)

Sábado, 10 de Julho

Workshops

10:00-12:30	Workshop 1 - Comunicação estratégica na promoção de comportamentos saudáveis Osvaldo Santos e Ricardo R. Santos, Laboratório de Comportamentos de Saúde Ambiental, Instituto de Saúde Ambiental (FM-UL)
14:00-15:30	Workshop 2 - Consultas difíceis: Como lidar com os desafios? Irene P. Carvalho, Vanessa G. Pais (FM-UP)
16:00-17:30	Workshop 3 - Comunicação clínica à distância: Vantagens, desafios e cuidados Irene P. Carvalho, Ana Luísa Neves e Raquel G. Martins (FM-UP, Imperial College London)

Comunicações Livres

A ordem de apresentação das Comunicações Livres, segue a ordem do Programa

A Educação - fator preditor da Literacia em Saúde relativa à COVID-19

Autores: Joana Gomes da Silva⁽¹⁾, Carla Sofia Silva⁽²⁾, Bárbara Alexandre⁽¹⁾, Pedro Morgado⁽³⁾⁽⁴⁾

1 - Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados Mirandela II, Unidade Local de Saúde do Nordeste (ULSNE)

2 - Alumni Departamento de Matemática da Universidade do Minho

3 - Life and Health Sciences Research Institute (ICVS), Escola de Medicina, Universidade do Minho, Braga, Portugal

4 - ICVS/3B's, PT Government Associate Laboratory, Braga

Introdução:

A pandemia COVID-19 surgiu como um importante problema de Saúde Pública em que as medidas preventivas assumiram um papel preponderante. Literacia em Saúde é a capacidade de obter, compreender e usar informação para desenvolver competências para decisões livres e informadas sobre a saúde individual assim como de assumir um papel ativo na medicina preventiva e nas políticas de saúde. Assim, a Literacia em Saúde relativa à COVID-19 assume-se como fundamental para a capacitação da comunidade neste sentido, assumindo-se a comunicação como o foco central e elemento promotor e gerador desta capacitação.

Objetivos:

Compreender possíveis preditores de Literacia em Saúde relativa à COVID-19.

Metodologia:

Foi elaborado um estudo transversal aplicando um questionário (previamente

validado) através de uma plataforma online de 23 de abril a 23 de junho de 2020 e construído um índice avaliador do conhecimento global dos indivíduos acerca desta doença (IHL-COV19). Analisaram-se as associações entre as variáveis independentes ("Género" (feminino vs. masculino), "Idade" (variável contínua), "Educação" (Graduado vs. não graduado) e "Fator de Risco" para COVID-19, codificado pelo ICPC-2* (Com fator de risco vs. sem fator de risco) e Literacia em Saúde através de análise multivariada. Definiu-se um nível de significância de $p < 0,05$.

Resultados:

Obteve-se uma amostra de 864 indivíduos (mediana de idade: 44,33 anos), maioritariamente do sexo feminino ($n = 619$; 71,76%), graduados ($n = 392$; 45,37%) e com pelo menos um fator de risco para COVID-19 ($n = 266$; 30,79%). A análise multivariada demonstrou que a variável "Educação" é um fator preditivo positivo para o IHL-COV19. A análise univariada demonstrou que, globalmente, homens, maior

idade, maior grau de educação e a presença de pelo menos um fator de risco para COVID-19 parecem ter maiores níveis de literacia em saúde.

Conclusões:

A Literacia em Saúde relativa à COVID-19 está associada ao nível de escolaridade. É

necessária a criação de programas dirigidos aos grupos com menor literacia em saúde através de novas metodologias.

*International Classification of Primary Care, version 2

Perception of communication strategies, satisfaction, and quality of the nutrition teleconsultation during the COVID-19 pandemic

Autores: Joana Moreira⁽¹⁾, Margarida Figueiredo-Braga⁽¹⁾⁽²⁾

1 - Department of Clinical Neurosciences and Mental Health, Medical Psychology, Faculty of Medicine, University of Porto, Alameda Prof. Hernâni Monteiro, Porto

2 - i3S Institute for Research and Innovation in Health Sciences, R. Alfredo Allen, 4200-135 Porto

Objective:

In response to the COVID-19 pandemic, alternatives to face-to-face consultations were adopted to provide safe healthcare and minimize the contamination risks. This study's aims to explore nutritionists' perception of communication strategies, satisfaction and quality used in their teleconsultation during the COVID-19 pandemic.

Methods:

In response to the COVID-19 pandemic, alternatives to face-to-face consultations were adopted to provide safe healthcare and minimize the contamination risks. This study's aims to explore nutritionists' perception of communication strategies, satisfaction and quality used in their teleconsultation during the COVID-19 pandemic.

Results:

The sample included 77 nutritionists, the majority being female (94%). They predominantly perform teleconsultations during the

pandemic, changing their previous in person format. Reported advantages of online and telephone consultations were scheduling flexibility and comfort for patients. Sixty percent of the studied nutritionists have had training in clinical communication, and report to use specific communication competencies during teleconsultations - affective behavior and empathy were identified as the most frequently used. When collecting information about the patient's problems and perspectives our participants reported the use of non-verbal communication skills, the use of active and encouraging listening expressions, summaries, and paraphrases.

Conclusions:

Nutritionists reported to apply core communication skills in different stages of the teleconsultation. As teleconsultations are to be maintained, the present data may contribute to the development of recommendations on which specific communication competencies are more relevant in nutrition consultations during the pandemic.

COVID X – Uma ferramenta lúdica de promoção da literacia em saúde, e de comportamentos protetores para COVID-19

Autores: André Abreu⁽¹⁾, Rita Mesquita⁽¹⁾, João Martins⁽¹⁾, Margarida Nazaré⁽¹⁾, Beatriz Correia⁽¹⁾, Maria Menezes⁽¹⁾, Catarina Salvador⁽¹⁾, Henrique Bernardo⁽¹⁾, Francisco Silva⁽¹⁾, Sara Monteiro⁽¹⁾, Luís Sousa⁽¹⁾, Liliana Costa⁽¹⁾, Miguel Barbosa⁽¹⁾

1 - Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa

Introdução:

A aquisição de conhecimentos sobre saúde é essencial para a adoção de comportamentos saudáveis e protetores contra a COVID-19. Embora tenham sido divulgadas diversas informações sobre a COVID-19, por intermédio de diferentes meios desde o início da pandemia, nem sempre o tipo e formato da informação foi adaptado para o público infantil.

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o COVID-X, uma ferramenta lúdica de promoção de literacia em saúde e de comportamentos de proteção para COVID-19 dirigida ao público infantil. O COVID-X é um jogo de tabuleiro online em que cada jogador percorre um caminho com vários desafios a completar (desafios da mímica, de desenho, de pergunta e de casa mistério) para aproximar-se do objetivo final - imunização de grupo e controlo do vírus.

O jogo traz um panfleto e um website onde constam as regras, recomendações de segurança, e hábitos saudáveis a promover no contexto de pandemia (selecionados tendo em conta as especificidades da realidade atual, e fundamentados cientificamente em normas da DGS e artigos

científicos). O jogo foi testado numa turma do 5º ano de uma escola pública portuguesa (N=15), avaliando-se a aquisição de conhecimentos e a satisfação. Os resultados demonstram um aumento dos conhecimentos sobre os comportamentos protetores contra a COVID-19 e uma elevada satisfação com jogabilidade (86.7% avaliaram o jogo em 5/5 na opinião sobre o jogo, no quanto lúdico foi, e em quanto eficaz foi a explicar a doença e ensinar novos conceitos; 100% voltaria a jogar com amigos e família).

Os resultados sugerem que o COVID-X é uma ferramenta lúdica ajustada ao público infantil que promove a aquisição de conhecimentos e de comportamentos saudáveis e protetores contra a COVID-19, podendo ser utilizada no contexto de sala de aula ou no âmbito familiar e entre amigos.

Metodologia:

- COVID-X”- Jogo de tabuleiro online, tipo glória, com o âmbito de dinamizar a aprendizagem de comportamentos saudáveis. O jogador percorre um caminho com vários desafios a completar, para avançar e chegar ao objetivo final - a

imunização de grupo e o controlo do vírus. Público-alvo: 9-12 anos, adequado a todas as idades;

- Panfleto e Website- Regras do jogo, dicas de segurança e hábitos saudáveis a promover em contexto de pandemia (selecionados tendo em conta as especificidades da realidade atual e com base científica em normas da DGS e artigos científicos- promover o interesse na literatura científica)
- Aplicação do jogo num contexto real- Intervenção numa turma do 5º ano, com avaliação da aquisição de conhecimentos e questionário de feedback.

Resultados:

Intervenção- Demonstrado elevada vontade de repetição da experiência e interesse pelo assunto traduzido nos questionários. Elevada retenção de conhecimentos com base nas respostas às perguntas efetuadas no final da intervenção vs nível de conhecimento demonstrado no início do jogo.

Comunicação Clínica na Era Digital: Lições da Pandemia de COVID-19

Autores: Artemisa R. Dore⁽¹⁾⁽²⁾, Andreia Geraldo⁽²⁾, Fernando Barbosa⁽²⁾, Irene P. Carvalho⁽³⁾⁽⁴⁾

1- Centro de Investigação em Reabilitação, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico do Porto (ESS-P.Porto)

2 - Laboratório de Neuropsicofisiologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

3- Unidade de Psicologia Médica, Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

4 - CINTESIS@RISE, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Introdução:

A pandemia de COVID-19 acelerou o que parecia ser uma iminência, a inclusão das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) no processo clínico, colocando novos desafios comunicacionais e relacionais aos profissionais de saúde.

Pouco se sabe acerca da utilização destas tecnologias pelos psicólogos portugueses e sobre a sua perceção acerca desta experiência ou das suas possibilidades.

Objetivos:

Este trabalho teve como objetivos analisar as práticas deste grupo profissional relacionadas com a utilização das TICs, antes e durante o primeiro confinamento devido à COVID-19; identificar alterações daí decorrentes e o impacto percecionado de tais mudanças.

Metodologia:

Participaram neste estudo 108 psicólogos, 82.4% mulheres (n = 89), média de idades 37.20 anos (DP = 10.05). A Associação Portuguesa de Psicólogos (OPP) divulgou o estudo e os participantes responderam a um inquérito online, desenvolvido pela equipa de investigação para este fim e divulgado entre abril e maio de 2020.

Resultados:

O recurso às TIC permitiu a 84.3% (n = 91) dos participantes continuar a sua atividade profissional. Os psicólogos reconheceram a necessidade de precauções/conhecimentos adicionais neste tipo de intervenção, comparativamente

às intervenções face a face. Apesar dos desafios identificados, a experiência foi descrita como positiva, considerando a adesão e os resultados percecionados pelos



profissionais. Os anos de experiência revelaram-se uma variável relacionada com a manutenção (versus interrupção) dos serviços e as atitudes face à utilização das tecnologias.

O conhecimento adquirido através desta experiência revela a necessidade de serem disponibilizadas mais e melhores oportunidades de formação, que permitam ultrapassar os receios e dificuldades identificados na utilização das TICs e obter a melhor preparação para novos formatos de intervenção à distância com elevada qualidade.

Treino de Sessão educacional para doentes que iniciam Radioterapia: implicações no pós-Covid 19

Autores: Ana Monteiro Grilo⁽¹⁾

1 - H&TRC-Health & Technology Research Center, ESTeSL- Escola Superior de Tecnologia da Saúde, Instituto Politécnico de Lisboa; Centro de Investigação em Ciência Psicológica, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa

Introdução:

A literatura tem evidenciado que a preparação estruturada do paciente oncológico para o tratamento de radioterapia, antes do início do mesmo, contribui para a redução dos níveis de ansiedade, a melhoria na qualidade de vida, e o aumento da compreensão sobre o tratamento.

Com base nestes resultados, a Unidade Curricular de Comunicação e Relação em Saúde da licenciatura em Imagem Médica e Radioterapia contempla num dos seus objetivos o desenvolvimento de competências para a realização de uma sessão educacional para doentes oncológicos que vão iniciar radioterapia. Os estudantes são convidados a escolher uma patologia oncológica específica, a desenvolver os materiais e recursos e, posteriormente, a apresentar a sessão em contexto de sala de aula com um paciente simulado.

Metodologia:

No ano letivo de 2019/20 e de 2020/21, o contexto pandémico obrigou a alterações nesta metodologia. Assim, foi proposto aos estudantes que desenvolvessem a sessão educacional para um contexto não presencial, sendo preparada e

realizada “assumindo” que o profissional estaria no Serviço de Radioterapia e que o paciente (e familiar/acompanhante) estariam no domicílio.

Resultados:

A simulação das sessões educacionais a distância permitiu identificar os principais aspetos a alterar neste modelo (e.g., criar alternativas para a visita guiada ao serviço, necessidade de maior atenção com pacientes menos familiarizados com apresentações digitais). Além disso, originou uma reflexão sobre a viabilidade e vantagens desta modalidade de sessão fora do contexto pandémico (e.g., pacientes que moram longe evitam uma deslocação ao hospital, maior facilidade de presença de familiar/acompanhante).

Conclusões:

O desenvolvimento de sessões educacionais a distância ocorreu em contexto pandémico, contudo, a sua implementação em Serviços de Radioterapia poderá constituir uma mais-valia quer para os Serviços, quer para pacientes com acesso a meios digitais. A aquisição de competências de comunicação a distância deverá assim ser contemplada na formação destes estudantes.

Comportamentos colaborativos e comunicação entre enfermeiros em Hospital de Dia de Oncologia

Autores: Carla Sousa⁽¹⁾, Margarida Figueiredo-Braga⁽¹⁾⁽²⁾

1- Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Unidade de Psicologia Médica, Faculdade Medicina, Universidade do Porto

2- i3S - Instituto de Investigação e Inovação em Saúde, Porto

Introdução:

Os enfermeiros que exercem funções em Hospital de Dia de Oncologia (HDO) carecem de competências de comunicação adequadas para assegurar o trabalho colaborativo, melhorar a qualidade dos cuidados de enfermagem, aumentar a produtividade e a satisfação profissional. Cuidar de doentes oncológicos em HDO requer estratégias de comunicação eficazes quer na gestão de conflitos, estabelecimento de objetivos comuns, coordenação, profissionalismo e autonomia.

Objetivos:

Este estudo visa caracterizar as estratégias utilizadas pelos profissionais de enfermagem para comunicar entre si em HDO e explorar o papel da comunicação na colaboração entre enfermeiros.

Metodologia:

Foram avaliados 65 enfermeiros que trabalham em HDO do norte de Portugal. Para avaliar os comportamentos de colaboração entre enfermeiros, os participantes preencheram a Nurse-Nurse Collaboration Behavior Scale. Além da caracterização socio-

profissional, a Communication Skills Attitude Scale foi utilizada para medir a relevância atribuída pelos participantes à aprendizagem da comunicação clínica.

Resultados:

A média de tempo de prática dos participantes foi de 19.89 (SD=7.89) anos, dos quais 12.25 (SD=8.97) em oncologia. Tinham em média 42,8 (DP=8,04) anos, sendo 96,92% do sexo feminino. As estratégias referidas como mais frequentemente utilizadas pelos profissionais de enfermagem na comunicação com os seus pares foram: respeito, empatia, escuta activa, assertividade e fornecer apoio. Também declararam que raramente se envolvem em provocações verbais e físicas, comportamentos psicológica e fisicamente agressivos e evitam a impulsividade física. Aqueles que valorizam a qualidade da comunicação tendem a utilizar estratégias como repetir informação, reformulações e uso de linguagem positiva, a fim de assegurar a clareza e eficácia do que está a ser dito.

A unidade HDO é um local de trabalho rico em particularidades e especificidades, projetado para

otimizar o atendimento ao paciente oncológico. A comunicação clínica é uma ferramenta importante para o trabalho de enfermagem eficiente, e os enfermeiros inquiridos referiram utilizar estratégias colaborativas com os seus pares.

Ressonância Magnética sem anestesia na população infantil: A influência da comunicação clínica

Autores: Conceição Castro⁽¹⁾⁽²⁾, Irene P. Carvalho⁽¹⁾⁽³⁾, Isabel Ramos⁽¹⁾

1- Unidade de Psicologia Médica, Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

2 - Centro Hospitalar Universitário São João

3 - CINTESIS@RISE, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Objetivos:

Este estudo teve como objetivo avaliar a influência que a comunicação centrada na criança (CCC) tem na necessidade de utilização de anestesia em exames de ressonância magnética (RM) e o impacto dessa comunicação na ansiedade e satisfação das crianças.

Metodologia:

Uma amostra de 90 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 10 anos e com marcação de exame de RM foi distribuída, por ordem de chegada, por três grupos. Antes do exame de RM, o grupo de controlo (GC) recebeu o procedimento habitual de rotina com informações gerais sobre o exame. O grupo experimental 1 (GE1) recebeu as mesmas informações gerais sobre o exame e simulou o procedimento com uma "mini-ressonância" de brincar. A intervenção no grupo experimental 2 (GE2) incluiu a simulação com o brinquedo mais uma CCC que privilegiou a empatia, a escuta ativa e a participação nas decisões. Os três grupos foram comparados quanto ao número de crianças que

recorreram à anestesia para realizar o exame de RM. Além disso, a ansiedade (autorrelatada e medida por frequência cardíaca) foi avaliada no GE1 e no GE2 em dois momentos distintos: antes e depois da interação com a criança. Finalmente, a satisfação da criança foi avaliada no GE1 e no GE2 após a interação. Em todos os grupos, os resultados foram analisados por idade, sexo, tipo de exame e origem do mesmo.

Resultados:

Os três grupos eram idênticos na linha de base quanto às características demográficas e clínicas. A necessidade de sedação foi significativamente menor no GE2 que no GE1 ($p < 0,001$) e que no GC ($p < 0,01$), sendo a diferença entre o GE1 e o GC estatisticamente não significativa e indicando o efeito da CCC no uso de sedação. A ansiedade autorrelatada e a frequência cardíaca diminuíram, após a interação com a criança, em ambos os grupos em que foram medidas (GE1 e GE2). Contudo, foram significativamente menores no GE2, que recebeu a CCC, do que no GE1 ($p < 0,01$). O nível de satisfação das crianças foi

significativamente mais elevado no GE2 do que no GE1.

Conclusões:

O uso da “mini-ressonância” de brincar facilita a adesão à RM sem anestesia, quando comparada à prática padrão. Contudo, a CCC foi ainda mais eficaz a diminuir significativamente o número de anestésias, reduzir a ansiedade e aumentar a satisfação da criança com o atendimento prestado.

Tumores hereditários: experiências relacionadas com a comunicação do diagnóstico genético

Autores: Raquel Martins⁽¹⁾, Irene P. Carvalho⁽²⁾(³)

1- Serviço de Endocrinologia, Instituto Português de Oncologia de Coimbra

2- Unidade de Psicologia Médica, Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; CINTESIS, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

3 - CINTESIS@RISE, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Introdução:

Os feocromocitomas e paragangliomas são frequentemente tumores hereditários, pelo que o estudo para averiguar a presença das mutações genéticas é recomendado em todos os doentes com estas neoplasias. A comunicação do resultado positivo tem importantes implicações clínicas para o doente e seus familiares. A estes últimos passa a estar também recomendado o estudo genético e, se positivo, o seguimento com o objetivo de diagnosticar precocemente estas neoplasias. Alguns destes portadores de mutações nunca desenvolverão neoplasias.

Objetivos:

Explorar as experiências de realizar o teste genético e receber a comunicação do resultado positivo, do ponto de vista dos portadores de mutações genéticas associadas ao desenvolvimento de feocromocitomas e paragangliomas.

Metodologia:

Aplicação de entrevistas semiestruturadas a 38 portadores das referidas mutações, posteriormente submetidas a análise de conteúdo.

Resultados:

A importância da comunicação do diagnóstico genético e do seguimento foi reconhecida pelos participantes, mas a presença da mutação foi experienciada de maneira diferente, formando quatro posições distintas: "vivendo como se não tivessem/como se não soubessem", "impedindo que outros passem por isso", "sentindo-se privilegiados" e "sofrendo por serem portadores da mutação". Dentro de cada grupo, as emoções emergentes permaneceram ou mudaram a cada etapa do processo, refletindo as crenças e expectativas dos participantes, baseadas nas suas teorias pessoais e na informação que lhes havia sido comunicada. A importância de receber suporte emocional por parte dos clínicos emergiu nas entrevistas dos que vivem "sofrendo por serem portadores da mutação".

Conclusões:

Do ponto de vista dos portadores de mutação acompanhados em consultas de seguimento, a comunicação com os médicos assume particular importância (a) na receção do resultado do teste genético e (b) no apoio emocional. A consideração dos quatro significados associados à comunicação do diagnóstico genético poderá auxiliar os clínicos a compreender as experiências dos portadores e a ajustar a sua prática às necessidades dos mesmos.

Comunicação clínica e satisfação dos doentes: Correspondência entre a comunicação dos médicos na perspetiva dos seus doentes

Autores: Filipa Ramalho Silva⁽¹⁾, Vanessa G. Pais⁽²⁾⁽³⁾, Dilermando Sobral⁽²⁾⁽⁴⁾, Isabel Taveira-Gomes⁽²⁾⁽⁵⁾, Susana S. Almeida⁽⁶⁾⁽⁷⁾, Margarida Figueiredo-Braga⁽²⁾⁽⁸⁾, Irene P. Carvalho⁽²⁾⁽⁹⁾

1 - Unidade Local de Saúde de Matosinhos

2 - Unidade de Psicologia Médica, Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto

3 - Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga

4 - Unidade de Saúde Familiar de Ramalde

5 - Centro Hospitalar de S. João

6 - Unidade de Psiquiatria, Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto

7 - Instituto Português de Oncologia do Porto Francisco Gentil

8 - i3S, Universidade do Porto

9 - CINTESIS@RISE, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto

Introdução:

A comunicação eficaz entre médico e doente é um importante fator de satisfação para médicos e para doentes e associa-se à melhoria da saúde. Contudo, para tal, é necessário que médicos e doentes partilhem a mesma noção de quais são os pilares de base para uma comunicação clínica eficaz, sendo necessário que as suas expectativas sejam postas em prática.

Os objetivos deste estudo são: (1) comparar as perspetivas de médicos e de doentes quanto aos aspetos da comunicação clínica que consideram importantes; e (2)

averiguar aqueles que, do ponto de vista dos doentes, são praticados pelos seus médicos no hospital.

Metodologia:

Participaram neste estudo 147 doentes e 20 médicos de um hospital central. Todos responderam ao Communication Assessment Tool (CAT), indicando quão importantes consideram os vários aspetos da comunicação no contexto da interação médico-doente (desde "pouco" a "muito" importante). A frequência e percentagem das respostas "muito importante" foram comparadas entre médicos e doentes. Além

disso, estes aspetos foram comparados em termos do que os doentes relataram ter sido feito pelos médicos no encontro clínico ("mal" a "excelente"). Foi utilizada a regressão linear para averiguar o contributo de cada aspeto da comunicação para a satisfação geral dos doentes com o cuidado recebido

Resultados:

Todos os aspetos da comunicação receberam mais de 84% de respostas "muito importante" dos doentes, enquanto que, para os médicos, os aspetos "muito importantes" receberam de 26% a 100% de respostas. Discrepâncias entre médicos e doentes ocorreram relativamente a vários aspetos (incluindo os itens 5 e 6 do CAT), que os doentes consideraram mais importantes que os médicos. Embora tanto doentes como médicos tenham considerado o item 1 "muito importante", os doentes classificaram este aspeto como um dos três que os médicos menos fizeram no encontro clínico. Os aspetos da comunicação contribuíram significativamente para a satisfação dos doentes, sendo significativos os itens 1, 14, 13 e 8.

Discussão:

No contexto de um hospital central, os aspetos da comunicação clínica foram considerados muito importantes pelos doentes e menos pelos médicos. Doentes e médicos concordaram, em geral, quanto aos aspetos que são mais e menos importantes, ainda que com algumas discrepâncias. A comunicação com os médicos contribui significativamente para a satisfação dos doentes e existe espaço para desenvolvimento de uma melhor correspondência entre médicos e doentes.

As metáforas como recurso na comunicação com pessoas com doença crónica

Autores: Matilde Agostinho Neto(1)(2), Ana Filipa Cardoso(1)(3), Filipa Paraíso(1)(4), Fernanda Lazzari Freitas(1)(5), Petra Santos(1)(6), Frédéric Oliveira(1)(7), Maria João Coelho(1)(4), Helena Felizardo(1)(3), Inês Rosendo(8)(9), Dilermando Sobral(1)(10), Isabel Taveira Gomes(1), Raquel Martins(1)(11), Raquel Pedrosa(1)(12), Vanessa G. Pais(1)(13), Ivone Castro Vale(1)(14), Margarida Figueiredo-Braga(1)(14), Irene P. Carvalho(1)(15)

1-Unidade de Psicologia Médica, Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto

2 - Unidade de Saúde Familiar Casa dos Pescadores, Agrupamentos de Centros de Saúde de Póvoa de Varzim e Vila do Conde, Portugal

3 - Unidade de Investigação em Ciências da Saúde, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Portugal

4 - Agrupamentos de Centro de Saúde Tâmega III –Vale do Sousa Norte, Portugal

5 - Programa de Residência em Medicina de Família e Comunidade da Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

6 - Unidade de Saúde Familiar Tempo de Cuidar, Agrupamentos de Centro de Saúde Tâmega II –Vale de Sousa Sul, Portugal

7 - Centro Hospitalar Póvoa de Varzim-Vila do Conde, Portugal

8 - Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Portugal

9 - Unidade de Saúde Familiar Coimbra Centro, Agrupamentos de Centro de Saúde Baixo Mondego, Portugal

10 - Unidade de Saúde Familiar de Ramalde, Agrupamentos de Centro de Saúde Porto Ocidental, Portugal

11 - Instituto Português de Oncologia de Coimbra

12 - Centro Hospitalar de São João, Porto

13 - Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga

14 - Unidade de Saúde Familiar de Ramalde, Agrupamentos de Centro de Saúde Porto Ocidental, Portugal

15 - CINTESIS@RISE, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto

Introdução:

O uso de metáforas, analogias ou metonímias em contexto de saúde pode promover a comunicação eficaz entre os profissionais de saúde (PS) e pessoas com doenças crónicas por clarificar aspetos relacionados com a doença ou o autocuidado, com recurso a expressões conhecidas pela pessoa.

Objetivos:

i) identificar as motivações dos PS para recorrer ao uso de metáforas na relação com pessoas com doenças crónicas; e ii) identificar a perceção que os PS têm acerca das vantagens e desvantagens do seu uso.

Metodologia:

Neste estudo de índole qualitativa, a amostra foi constituída por 121 PS, recrutados através do método de bola de neve. Os PS responderam a um questionário previamente testado que lhes foi enviado online, contendo perguntas abertas e fechadas, para identificar as metáforas usadas, razões para o seu uso e perceção da sua eficácia. As perguntas abertas foram submetidas a uma análise de conteúdo. Os princípios éticos foram respeitados.

Resultados:

Os participantes usavam metáforas para facilitar a compreensão da pessoa face aos aspetos da doença (n=22), por permitirem a adequação da comunicação às capacidades da pessoa (n=20), por beneficiarem a relação entre a pessoa e o clínico (n=15) e por beneficiarem a adesão ao regime terapêutico (n=12). Os motivos que levam a que não façam uso de metáforas são: induzirem mal-entendidos

sobre a situação (n=20), nada acrescentarem à compreensão da pessoa (n=20) e minimizarem a situação ou piorarem a sua compreensão (n=14). Na sua maioria (n=78) as metáforas eram fruto da criação pessoal ou provinham de professores (n=52) ou colegas (n=51) e, na perspetiva dos PS, devem ser ajustadas à compreensão da pessoa. A perceção das próprias pessoas com doenças crónicas sobre as metáforas deve ser considerada em investigação futura.

Comunicação em contexto de prevenção tabágica: por que não basta informar

Autores: Raphaela Priscilla Santos Lins⁽¹⁾, Paulo Vitória⁽¹⁾⁽²⁾

1 - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Departamento de Psicologia e Educação, Universidade da Beira Interior

2 - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) – Centro de Investigação e Intervenção Social, ISCTE

Introdução:

Prevenir o início do consumo de tabaco entre jovens é relevante, pois tem-se que um terço daqueles que iniciam o consumo nessa faixa etária continuará ao longo da vida, sendo essa prática uma das maiores causas de doença e morte precoce. É nesse contexto que a comunicação em saúde surge como pilar importante para a eficácia do trabalho de prevenção. Contudo questiona-se se os adolescentes que começam a fumar tem a informação que esse comportamento traz prejuízos para a saúde e quais crenças poderiam ser trabalhadas para uma comunicação mais efetiva.

Objetivos:

Comparar as frequências de respostas de crenças a favor e contra fumar em jovens em idade escolar, de modo a apresentar temas de comunicação em saúde que possam ser efetivos para a prevenção do tabagismo.

Metodologia:

O presente estudo contou com 3961 adolescentes, entre 12 e 21 anos, a frequentar entre o 7º e o 12º ano, sendo 1639 (41,4%) do

sexo masculino e 2322 (58,6%) feminino. Foram respondidas perguntas sobre crenças positivas e negativas relativas aos efeitos de fumar, com respostas de 1 a 8, onde 1 significa “discordo totalmente” e 7 “concordo totalmente” e o 8 significava “não sei”.

Resultados:

Em itens como “Acalma-me os nervos”; “Ajuda-me a ter menos peso”; e “Faz-me sentir mais seguro(a)” verificou-se uma alta frequência de respostas como “não sei” (superior a 30%), enquanto em afirmativas como “Prejudica a minha saúde” mais de 80% das respostas foram “Concordo Totalmente” e apenas 3% assinalaram “não sei”. É sabido que a receção de informação de que fumar traz prejuízos para a saúde não será suficiente para prevenir o tabagismo, mas observa-se também a necessidade de informação sobre questões mais específicas, como crenças erradas sobre supostos benefícios do tabagismo que podem aumentar o risco destes jovens começarem a fumar e ficarem dependentes.

Competências de Comunicação Clínica no Ensino Pré-graduado de Fisioterapia em Portugal

Autores: Leonor Santos⁽¹⁾, Germano Couto⁽²⁾, Rute Meneses⁽³⁾

1- Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa; Clínica Pedagógica, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico do Porto

2- Escola Superior de Saúde/Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Fernando Pessoa; CINTESIS- Centro de Investigação em Tecnologias e Serviços de Saúde

3- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais/Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência/Observatório da Longevidade e Desenvolvimento/Associação Para A Segurança dos Doentes/Clínica Pedagógica de Psicologia/FPB2S, Universidade Fernando Pessoa

Introdução:

A elevada importância das competências de comunicação clínica, nas profissões de saúde, considera que o seu ensino seja introduzido na aprendizagem pré-graduada, como competência vital na prática de cuidados e fundamental na educação para a saúde.

Objetivos:

Analisar se os programas/planos de estudo do curso de fisioterapia dos estabelecimentos de ensino superior português evidenciam o ensino de competências de comunicação clínica e identificar unidades curriculares que o façam de uma forma exclusiva ou inclusiva.

Metodologia:

Análise comparativa documental. Efetuada entre dezembro de 2020 e março de 2021, para identificação das escolas com acreditação, dos seus planos curriculares e das unidades curriculares que evidenciam o

ensino de competências de comunicação clínica.

Recolha de documentos e/ou dados públicos, disponíveis nas páginas Web oficiais das instituições de ensino superior e Diário da República eletrónico, com posterior reforço de informação, enviada via correio electrónico, pelas coordenações dos cursos.

Resultados:

Identificados 20 ciclos de estudo em fisioterapia, registados na Direção-Geral do Ensino Superior com acreditação pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior. Oito apresentam unidade curricular específica/exclusiva no ensino de competências de comunicação clínica, dos quais seis apresentam, em simultâneo, o seu ensino incorporado noutras unidades curriculares. Nove apresentam o seu ensino unicamente de forma integrada noutras unidades curriculares, como parte do conteúdo programático e outros três não apresentam o seu ensino de modo formal em nenhuma unidade

curricular.

O estudo permitiu analisar o panorama geral, em Portugal, da inclusão de ensino de competências de comunicação clínica no ensino pré-graduado de fisioterapia. Verificou-se que menos de metade (40%) dos ciclos de estudo apresentam uma unidade curricular própria, exclusiva, que contempla, direta e unicamente, o seu ensino, dos quais só metade a ministram antes ou em simultâneo com o primeiro momento de estágio/ensino clínico.

Experiência académica e sobrecarga dos estudantes de medicina no contexto da COVID-19

Autores: Mariana Neves⁽¹⁾, Miguel Barbosa⁽²⁾

1- Estudante do 6º ano da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

2- Área Disciplinar Autónoma de Introdução à Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Introdução:

A pandemia COVID-19 tem tido impacto no bem-estar e na saúde mental dos estudantes de medicina. De forma abrupta, as aulas passaram de presenciais a online, alterando-se o método de ensino. O ensino online aumentou o tempo passado

em frente a um ecrã, o que amplifica os níveis de stress e ansiedade. Questiona-se se os fatores stressores associados às telecomunicações, em conjunto com os fatores relacionados com o confinamento, contribuíram para desencadear ou agravar sobrecarga/burnout nos alunos de medicina.

Objetivos:

Avaliar o impacto das medidas de contenção social devidas à pandemia COVID-19 na qualidade do ensino e na sobrecarga de estudantes de Medicina.

Metodologia:

Aplicação de um questionário online aos alunos do 1º ao 6º ano da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Para avaliar a ansiedade face à pandemia utiliza-se a Coronavirus

Anxiety Scale (CAS). Para estudar o burnout, recorre-se ao Oldenburg Burnout Measure. Também se analisam através de um conjunto de questões criadas para o efeito as implicações do ensino online no percurso académico e na saúde mental do estudante, as condições físicas e técnicas de que dispunham para assistir às aulas e o grau de satisfação decorrente deste novo método.

Resultados:

Responderam 185 estudantes (77,8% raparigas). A prevalência de ansiedade disfuncional foi de 12,4%. Os estudantes do género feminino apresentaram scores de burnout na dimensão Disengagement superiores aos do género masculino. Quanto ao impacto do ensino online verificou-se que existe uma correlação positiva entre a dimensão Disengagement e as seguintes variáveis: mudanças no método de ensino que causaram stress, dificuldade em acompanhar a matéria, preocupação com o prejuízo do ensino e com os exames online. Concluiu-se também que os alunos que preferem aulas presenciais apresentam níveis de exaustão mais baixos.

Impacto do ensino online no desenvolvimento de competências de comunicação clínica

Autores: Carla M. Pereira⁽¹⁾⁽²⁾ Teresa Dias⁽²⁾, Inês Santos⁽²⁾, Lúcia Domingues⁽²⁾, Carmen Caeiro⁽¹⁾⁽²⁾

1- Estudante do 6º ano da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

2-Área Disciplinar Autónoma de Introdução à Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Introdução:

A comunicação clínica constitui uma componente essencial da prática do Fisioterapeuta, sendo integrada no currículo da licenciatura em Fisioterapia da Escola Superior de Saúde-Instituto Politécnico de Setúbal (ESS/IPS). No 2.º ano são utilizados utentes simulados, com gravação de role-plays e posterior análise em tutoria. Durante a pandemia por COVID-19 a metodologia de ensino-aprendizagem foi adaptada, a simulação das entrevistas foi realizada com máscara e a análise tutorial decorreu online (Zoom).

Objetivos:

Analisar o impacto das adaptações pedagógicas no desenvolvimento das competências de comunicação clínica de estudantes do 2.º ano de Fisioterapia da ESS/IPS.

Metodologia:

Estudo de investigação-ação, com avaliação longitudinal e retrospectiva das competências de comunicação clínica dos estudantes nos anos: 2019-20 e 2020-21. Utilizou-se a escala Minho Communication Assessment

Scale (Minho-CAS) para avaliação do desempenho do estudante em cada role-play, preenchida por docentes e pares. Obteve-se consentimento e garantiu-se anonimato dos dados. Realizou-se análise descritiva e inferencial (SPSS).

Resultados:

Participaram 3 docentes e 84 estudantes (46 em 2019-20, idade média: 20.3 anos; 69.2% sexo feminino; e 38 em 2020-21, idade média: 20.0 e 64.4% sexo feminino). Obtiveram-se 211 avaliações de 32 role-plays. A avaliação média dos docentes diminuiu de 3.47 (DP=.2) para 3.42 (DP=.14), sem diferenças estatisticamente significativas no resultado total e dimensões da Minho-CAS. A avaliação média dos estudantes aumentou de 3.65 (DP=.22) para 4.16 (DP=.22), com diferenças estatisticamente significativas no resultado total e todas as dimensões. As classificações finais revelaram uma ligeira diminuição do desempenho dos estudantes, de 15.0 (DP=1.58) para 14.70 (DP=2.31).

Apesar das adaptações decorrentes da pandemia, a avaliação docente e desempenho

dos estudantes não sofreram alterações significativas. Porém, os estudantes avaliam de forma superior o desempenho dos pares. A ausência de treino presencial na utilização da Minho-CAS e a visualização/análise online dos role-plays poderá contribuir para uma menor capacidade crítica dos estudantes.

Empatia e Coping em Estudantes de Tecnologias da Saúde

Autores: Artemisa R. Dores⁽¹⁾, Helena Martins⁽²⁾⁽³⁾, Ana C. Reis⁽⁴⁾, Irene P. Carvalho⁽⁵⁾⁽⁶⁾

1- Centro de Investigação em Reabilitação, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico do Porto (ESS-P.Porto)

2- Universidade Lusófona

3- CEOS.PP — Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Instituto Politécnico do Porto (ISCAP-P.Porto)

4- Escola Superior de Saúde Santa Maria

5- Unidade de Psicologia Médica, Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

6- CINTESIS@RISE, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

Introdução:

A empatia é considerada uma parte fundamental da relação entre doente e profissional de saúde. É ainda crucial para uma comunicação clínica eficaz. Por sua vez, as profissões de saúde são consideradas desafiantes, requerendo, dos profissionais desta área, estratégias de coping que lhes permitam lidar com as exigências internas ou externas resultantes do stresse.

Objetivos:

Este estudo teve como objetivo investigar a associação entre empatia e coping em estudantes de género feminino e masculino nas áreas das tecnologias da saúde da Escola Superior de Saúde do Porto, Politécnico do Porto.

Metodologia:

Participaram 183 estudantes de 12 licenciaturas (ex.: Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Terapia da Fala). A média de idades foi de 20,79 anos (DP = 2,64) e 77% (n = 141) eram mulheres. Os estudantes frequentavam o 1o, 3o e 4o anos e responderam a dois questionários: o Brief-COPE e o Índice de Reatividade Interpessoal (IRI).

Resultados:

A empatia correlacionou-se com estratégias de coping, embora apresentando diferentes padrões de associação em cada género. Homens e mulheres usam algumas estratégias iguais para lidar com o stresse, porém associadas a diferentes dimensões da empatia (emocional versus cognitiva). Homens e mulheres utilizam também algumas estratégias de coping diferentes.



Estes resultados corroboram a ideia de que mostrar empatia pode estar associado a diferenças de género nas dimensões subjacentes da empatia e nas estratégias de coping utilizadas para lidar com o stresse.

Estratégias de coping consideradas menos adaptativas requerem mais investigação,

nomeadamente para melhor compreensão das associações com as dimensões emocional versus cognitiva da empatia em mulheres e em homens.

Reabilitação neuropsicológica e a relação terapêutica em tempo de pandemia

Autores: Andreia Geraldo⁽¹⁾, Artemisa R. Dore⁽¹⁾⁽²⁾, Irene P. Carvalho⁽³⁾⁽⁴⁾, Sandra Guerreiro⁽⁵⁾⁽⁶⁾, Alexandre Castro-Caldas⁽⁶⁾, Fernando Barbosa⁽¹⁾

1- Laboratório de Neuropsicofisiologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

2- Centro de Investigação em Reabilitação, Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico do Porto

3 - CINTESIS@RISE, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto

4 - Unidade de Psicologia Médica, Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto

5 - CRPG – Centro de Reabilitação Profissional de Gaia

Introdução:

Apesar da inclusão progressiva das tecnologias digitais nos processos de reabilitação neuropsicológica, a sua utilização como meio exclusivo de prestação dos serviços de neuropsicologia encontrava-se numa fase exploratória antes da pandemia de COVID-19. As medidas de distanciamento físico associadas precipitaram a prestação remota destes serviços, colocando novos desafios à comunicação e relação terapêutica, tanto aos profissionais de saúde como às pessoas com doenças neurológicas em processo de reabilitação.

Objetivos:

Este trabalho analisou a perceção de pessoas com doenças neurológicas sobre diferentes aspetos do processo de reabilitação neuropsicológica remoto, incluindo a relação

terapêutica com neuropsicólogos.

Metodologia:

Participaram neste estudo 16 pessoas com doenças neurológicas (6 mulheres; Idade=44.6; DPidade=12.1), a frequentar um programa de reabilitação neuropsicológica remoto, num centro de reabilitação português. Os participantes responderam a um questionário online, desenvolvido pela equipa de investigação.

Resultados:

Apesar da transição abrupta da modalidade presencial do processo de reabilitação para a modalidade remota, a quantidade de tempo por semana dedicada à reabilitação neuropsicológica manteve-se inalterada. A maioria dos participantes considerou os

resultados das sessões remotas semelhantes aos das sessões presenciais. No que concerne à comunicação e relação terapêutica com os profissionais, a maioria dos participantes (n=11) não relatou alterações com a transição para o processo remoto, embora quatro tivessem considerado que a sua relação com os neuropsicólogos piorou. Nenhum dos participantes relatou dificuldades específicas de comunicação com os profissionais, mas dois referiram a importância de ferramentas que permitam o contacto síncrono com os mesmos. Adicionalmente, um participante considerou que a sua relação com o neuropsicólogo melhorou, devido à maior facilidade no estabelecimento e manutenção do contacto com esse profissional. Sublinhando a potencialidade dos processos de reabilitação neuropsicológica remotos, deste estudo resultam sugestões relevantes para o desenho e implementação dos serviços de neuropsicologia nesta modalidade. Futuros estudos são necessários para aprofundar as potencialidades e limitações destas intervenções.

Retrato da teleconsulta no contexto epidémico português: A perspetiva dos médicos

Autores: Mariana Rodrigues⁽¹⁾, Maria Grazia Rossi⁽²⁾, Ivone Ferreira⁽³⁾

1- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

2- Instituto de Filosofia da NOVA, Universidade Nova de Lisboa

3- Instituto de Comunicação da NOVA, Universidade Nova de Lisboa

O contexto de pandemia provocada por Covid-19 criou um clima de incerteza e instabilidade, mas também de oportunidade para o desenvolvimento da Telemedicina em Portugal, trazendo a debate a importância da relação e comunicação médico-doente durante a consulta remota.

O principal objetivo desta investigação, que resulta de uma dissertação de mestrado, foi compreender de que forma a Teleconsulta foi adotada durante o surto epidémico em Portugal, segundo a perspetiva dos médicos de Medicina Geral e Familiar, do Sistema Nacional de Saúde. O que mudou nos padrões de prestação de cuidados de saúde primários? Quais as limitações, riscos e oportunidades sentidos pelos médicos e resolvidas pela consulta remota? Que desafios comunicacionais e novas abordagens foram detetados na prática clínica da Teleconsulta? Foram algumas das questões a que a investigação tentou dar resposta.

No âmbito de um paradigma fenomenológico, foi desenvolvido um estudo exploratório-explicativo e transversal,

recorrendo a métodos mistos, por permitirem a realização de uma descrição mais compreensiva e próxima da realidade vivenciada.

Numa primeira fase, contactaram-se todos os Diretores dos Centros de Saúde da região centro do país. Dada a falta de disponibilidade dos profissionais, numa segunda fase, foram contactados outros médicos de Medicina Geral e Familiar, que aceitaram participar numa entrevista semi-estruturada e em dois questionários, que permitiram concluir que, embora a consulta remota tenha sido uma ferramenta impreterível durante a pandemia, existem ainda riscos e limitações técnico-funcionais e comunicacionais, especialmente ao nível da comunicação não-verbal, que não fomentam a prestação de cuidados de saúde eficaz.

Concluiu-se ainda que há um longo caminho a percorrer quanto ao reconhecimento da teleconsulta enquanto alternativa sustentável, segura e de qualidade, à consulta presencial.

Relevância das Comissões de Ética na aquisição de competências de comunicação clínica

Autores: Agostinho Cruz⁽¹⁾, Alberto Machado⁽¹⁾, Ana Paula Cabral⁽¹⁾, Diana Tavares⁽¹⁾, Helena Sousa⁽¹⁾, Henrique Curado⁽¹⁾, Isabel Faria⁽¹⁾, Manuela Amorim⁽¹⁾, Maria João Gonçalves⁽¹⁾, Paula Lopes⁽¹⁾, Pedro Monteiro⁽¹⁾

1 - Comissão de Ética da Escola Superior de Saúde do Politécnico do Porto

Introdução:

As Comissões de Ética, na sua génese, estiveram indubitavelmente associadas a instituições de saúde a nível mundial e nacional, mas o recente Decreto-Lei n.º 80/2018 (15 / outubro), veio comprovar e validar a pertinência deste organismo nas IES, sobretudo naquelas que realizam investigação clínica. Naquelas associadas a ciclos de estudo da área da saúde parecem-nos que esta premência ainda ganha outra dimensão e, por isso, na Escola Superior de Saúde do Politécnico do Porto, a comissão foi constituída há 10 anos.

Objetivos:

Com a expansão destas comissões e do seu âmbito de atuação importa refletir qual o seu papel na sensibilização da comunidade académica para determinados princípios e valores, que passam pelo sigilo profissional, respeito pela integridade e privacidade.

Metodologia:

Criação de uma carta de valores e diretrizes ético-legais no âmbito da diáde estudante – doente/utente, estudante – monitor/professor e estudante em ambiente clínico,

que permitam adquirir competências basilares no acesso a dados sensíveis, tratamento e proteção dos mesmos; respeito pela vida privada, abrangência do sigilo académico-profissional e cumprimento dos princípios ético-morais com especial relevo para os indivíduos especialmente vulneráveis.

Resultados:

O desenvolvimento de um documento desta natureza vai permitir robustecer as skills de comunicação clínica e o respeito pelo doente, pela equipa de profissionais, pelo ambiente clínico e promover o cumprimento do Regulamento Geral de Proteção de Dados. É nosso propósito distribuir esta carta de valores pelos diferentes ciclos de estudos e criar um mecanismo de avaliação pré e pós-implementação deste sistema de sensibilização, de forma a aferir o impacto desta medida na comunidade académica da área da saúde. No século em que vivemos, e com o desenvolvimento acelerado ao nível tecnológico e da inteligência artificial, importa valorizar e alimentar a humanização da saúde, porque o doente será sempre até ao fim uma Pessoa.

Approach to the sexuality: are the Family Physicians' communication skills corresponding to the expectations of their patients?

Autores: Andreia Rodrigues Silva⁽¹⁾⁽²⁾, Margarida Figueiredo-Braga⁽³⁾⁽⁴⁾, Carla Veiga Rodrigues⁽⁵⁾, José Vinha⁽⁶⁾

1 - MD, MSc, PhD student

2 - Darque Health Care Center, Alto Minho Local Health Care Center, Viana do Castelo,

3 - MD PhD, Medical Psychology Unit, Dep Clinical Neurosciences and Mental Health, Faculty of Medicine, University of Porto

4 - i3S-Institute for Research and Innovation in Health, University of Porto

5 - MD, MSc. Earls Barton, Northampton

6 - MD, Family Medicine Trainee. Casa dos Pescadores Health Unit, Póvoa de Varzim

Introduction:

Sexual health is an important aspect of general health. There is a gap of knowledge regarding how, when and if patients wish to discuss their sexuality with Family Physicians (FP).

Objective:

Identify patients' expectations when communicating about sexuality with FP.

Methods:

Cross-sectional observational study using self-administered questionnaires applied to patients from a Primary Healthcare Unit in Portugal. The collected data includes participants' perspective, expectations and experiences during FP sexual history taking and FP' communication skills.

Results:

FP' communication skills were perceived as positive on 80% of patients and 90,9% believe FP should explore the topic with them, though only 45,5% had the topic explored. Patients that consider their FP to be more skilled in attentive and listening behaviour are the ones whose FP addressed the topic. For patients, the most consensual moment to address sexual life is the sexual transmitted infections consultation (76,4%) and 57,4% consider that FP should begin the conversation. Single or divorced patients, females and High School or University degree tend to give less importance to sexual life.

Conclusions:

It is essential to consider patients' expectations and to promote a



patient-centered approach when discussing sexuality. To achieve an approach based on an empathic perspective, it is essential to acquire, train and apply communication skills.

Preferência das pessoas com cancro sobre a transmissão de más notícias

Autores: Joana Figueiredo⁽¹⁾, Ana Rita Santos⁽²⁾, Ana Filipa Cardoso⁽³⁾(⁴)

1 – Hospital Particular de Barcelos

2 – Stoke Mandeville Hospital

3- Health Sciences Research Unit: Nursing (UICISA: E)

4 - Nursing School of Coimbra (ESENfC)

Introdução:

Conhecer as preferências das pessoas com cancro em relação à comunicação de más notícias é relevante para identificar e implementar intervenções individualizadas.

Objetivos:

Sintetizar as preferências das pessoas com cancro em relação à comunicação de más notícias realizada pelos profissionais de saúde.

Metodologia:

A metodologia da Joanna Briggs Institute para a realização de revisões sistemáticas qualitativas foi considerada. Esta revisão estudo considerou estudos que incluíssem adultos que tenham sido diagnosticados com cancro, de qualquer tipo ou estadió; estudos qualitativos cujo fenómeno de interesse fosse as preferências das pessoas com cancro na comunicação de más notícias pelos profissionais de saúde; publicados em inglês, espanhol e português, desde 2014 até 2020. A estratégia de pesquisa

realizada em três etapas e incluiu literatura publicada - MEDLINE Complete (via Pubmed), CINAHL Complete (via EBSCOhost) e Scielo e não publicada (Reportórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal). A seleção dos estudos, a avaliação da qualidade metodológica e a extração e síntese dos dados foram realizadas de forma independente por dois revisores independentes e os desacordos resolvidos por terceiro revisor. Os resultados dos estudos foram apresentados de forma narrativa e sintetizados com recurso a metasíntese.

Resultados:

Quatro estudos qualitativos descritivos foram incluídos. Da síntese emergiram quatro resultados sintetizados: 1) A informação que é dada, como é dada e quando é dada; 2) As estratégias de comunicação usadas pelos profissionais de saúde; 3) A parceria na tomada de decisões informadas com o profissional de saúde e 4) Os recursos de suporte da pessoa. As preferências das pessoas com cancro em relação à comunicação de más notícias devem ser



consideradas pelos profissionais de saúde de modo a serem cocriadas estratégias individualizadas em função das suas necessidades.

Consultas informais - autoestrada ou caminho de terra? Um Relato de Caso

Autores: Joana Gomes da Silva⁽¹⁾, Sara Carlos⁽²⁾, Pedro Morgado⁽³⁾

1 - Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados Mirandela II, Unidade Local de Saúde do Nordeste (ULSNE)

2 - Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados Sé, Unidade Local de Saúde do Nordeste (ULSNE)

3 - Life and Health Sciences Research Institute (ICVS), School of Medicine, University of Minho, Braga, Portugal e ICVS/3B's, PT Government Associate Laboratory, Braga/Guimarães

Introdução:

As consultas informais são atos médicos caracterizados pela autorreferenciação do indivíduo a um médico, para uma avaliação ou tratamento, sem registo clínico e sem um seguimento adequado. Apesar de diversos problemas inerentes a esta prática, a situação persiste, sendo mesmo parte integrante da cultura médica.

Objetivos:

Explorar a temática das consultas informais e analisar a conduta dos profissionais de saúde quando confrontados com um problema na sua saúde individual.

Metodologia:

Profissional de saúde de 28 anos apresenta-se com lombociatalgia limitante com 6 meses de evolução. Recorre a "consulta de corredor" com colega que diagnostica Síndrome do Piriforme e aconselha terapêutica conservador. Por agravamento da sintomatologia recorre a consulta formal de ortotraumatologia, onde o colega solicitou ressonância

magnética da coluna lombar, que utente não queria realizar uma vez que a sintomatologia não lhe parecia atribuível a coluna lombar mas a patologia muscular. Colega validou os sentimentos da utente e reforçou a necessidade de realização do exame em causa, que revelou hiperlordose, hérnia discal e espondilolistese. Optou-se conjuntamente por tratamento conservador, com analgesia e reforço muscular progressivo.

Atualmente, a utente encontra-se a fazer Pilates, mantendo lombalgia basal sem interferência nas atividades da vida diária, qualidade de sono ou qualidade de vida.

Resultados:

O presente caso revela a complexidade da comunicação clínica e do contexto psicossocial que envolve as consultas informais, particularmente quando o utente é profissional de saúde. Como profissionais da área da saúde estamos particularmente suscetíveis a trivializar os nossos sinais e sintomas. Recorremos a consultas informais de forma a



tentar resolver a situação clínica rapidamente, de forma a ficarmos aptos para o trabalho, mas sem nunca nos debruçarmos realmente sobre o problema, tentando. Impera, assim, a necessidade de compreensão dos perigos das consultas informais e importância dos médicos assumirem uma atitude preventiva relativamente à sua saúde.

O papel do contexto físico do Hospital de Dia de Oncologia na comunicação entre enfermeiros

Autores: Carla Sousa⁽¹⁾, Margarida Figueiredo-Braga⁽¹⁾(²)

1- Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental, Unidade de Psicologia Médica, Faculdade Medicina, Universidade do Porto

2- i3S - Instituto de Investigação e Inovação em Saúde, Porto

Introdução:

A comunicação entre enfermeiros que exercem funções em Hospital de Dia de Oncologia é essencial para assegurar a eficácia clínica e a segurança e satisfação do doente e do profissional. Ambientes de trabalho saudáveis, funcionais e confortáveis são cruciais para uma comunicação eficaz. Contudo, a estrutura física específica destas unidades de saúde pode trazer múltiplos desafios a uma comunicação eficaz.

Objetivos:

O objetivo é avaliar como o contexto físico do Hospital de Dia de Oncologia influencia a comunicação entre os enfermeiros.

Metodologia:

Enfermeiros de cinco Hospital de Dia de Oncologia (HDO) do norte de Portugal foram convidados a preencher um questionário para caracterizar a estrutura física do seu ambiente de trabalho e o modo como esta influencia a comunicação entre pares. A análise estatística foi realizada com o software IBM SPSS® Statistics (v.26).

Resultados:

Sessenta e cinco enfermeiros (taxa de resposta: 56%) foram avaliados, maioritariamente mulheres (96,92%) com idade média de 42,83 (DP=8,04) anos. A duração média da prática profissional foi de 19,89 (DP=7,89) anos, com 8,80 (DP=7,22) anos a trabalhar em HDO. O tempo médio de trabalho semanal em HDO foi 35,67 (DP=1,67) horas. Apesar de penas 23,10% dos inquiridos relatarem formação em comunicação - número médio de horas de formação 3,20 (DP=8,97), a maioria valoriza o papel da comunicação clínica. Foram encontradas associações estatisticamente significativas entre as características específicas do contexto físico de HDO e dimensões da comunicação entre pares - eficácia, qualidade, satisfação, confidencialidade e privacidade.

Os profissionais de enfermagem que participaram neste estudo avaliam as características físicas do seu contexto de trabalho como no geral favoráveis ao estabelecimento de uma comunicação eficaz entre



enfermeiros. A capacidade de comunicação entre profissionais é reconhecida como essencial para a otimização dos cuidados de enfermagem em oncologia, aumentando a sua eficiência e a satisfação dos doentes tratados.

Impacto das Medidas de Controlo da COVID-19 na Saúde Mental: Revisão Sistemática da Literatura

Autores: Priscilla Bernardes da Silva⁽¹⁾, Paulo Vitória⁽¹⁾(²)

1 - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Departamento de Psicologia e Educação, Universidade da Beira Interior, Covilhã

2 - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) – Centro de Investigação e Intervenção Social, ISCTE, Lisboa

Introdução:

A pandemia de COVID-19 tem causado enormes mudanças na vida das pessoas em todo o mundo.

O medo associado a doença, assim como as principais medidas de controlo da pandemia, como o uso de máscara, o distanciamento social e o isolamento, limitam a quantidade e a qualidade das interações sociais. Prevê-se um aumento acentuado da incidência de perturbações emocionais e mentais, exigindo dos profissionais de saúde mais competências de comunicação para apoiar e tratar estes casos.

Objetivos:

Investigar o impacto na saúde mental das medidas de controlo da COVID-19.

Metodologia:

Revisão sistemática da Literatura, realizada segundo o modelo PRISMA. Foram utilizadas as bases de dados Pubmed e Scielo e foi realizada uma busca manual. Os termos de pesquisa usados foram "Covid-19", "Coronavirus", "2019-

nCoV", "psych*", "mental*", "emotional", "distanc*", "quarantine", "isolation", "confinement", "containment". Foram definidos critérios de inclusão (artigos que respondessem a pergunta de investigação e que fossem publicados nos idiomas português, inglês e espanhol, até o dia 13 de novembro de 2020) e de exclusão (artigos com crianças como população de estudo ou que o objetivo principal fosse outro que não os impactos na saúde mental devido ao isolamento e distanciamento social).

Resultados:

Foram incluídos 41 artigos, com predominância do desenho transversal.

Verificou-se um aumento da incidência de sintomas depressivos, ansiosos e de stress. Surgem também destacados, mas com um aumento menor da taxa de incidência, as preocupações com a saúde, PSPT (perturbação de stress pós-traumático, hostilidade, medo, angústia, sensação de solidão e problemas de sono.

Os principais fatores de risco

identificados foram ser mulher, ser jovem e morar só. Os fatores protetores foram prática de desporto, atividades como estudo e trabalho, possuir relações interpessoais satisfatórias e estratégias de coping, como autocontrolo, resolução de problemas, reavaliação cognitiva e cognição racional da situação como forma de enfrentamento.

Discussão e Conclusões:

Estudos com métodos e populações diferentes, realizados em vários contextos, chegaram a resultados semelhantes, o que reforça a conclusão que as medidas de controlo da COVID-19 tiveram impacto significativo nas perturbações emocionais e de saúde mental. Esse impacto é ainda mais grave nos grupos mais vulneráveis. É necessário reforçar a preparação dos profissionais de saúde nas áreas da saúde mental e da comunicação clínica para aumentar a efetividade das respostas a estes novos desafios.

O acesso a cuidados de saúde mental em crianças e adolescentes

Autores: Márcia Rodrigues⁽¹⁾

1 - Interna de Psiquiatria da Infância e Adolescência, Centro Hospitalar e Universitário do Porto

Introdução:

Os problemas de saúde mental afetam 10-20% da população de crianças e adolescentes em todo o mundo. Metade das perturbações mentais surgem durante esta faixa etária, sendo que o acesso a cuidados de saúde mental é essencial para prevenir disfunção posterior.

Objetivos:

Compreender os fatores condicionantes no acesso a uma observação especializada de saúde mental em crianças e adolescentes, focando nos aspetos relacionais e do sistema de cuidados.

Metodologia:

Revisão da literatura através da PubMed, utilizando palavras-chave combinadas como: "child's mental health" OR "child adolescent psychiatry" AND "barriers" OR "health care access".

Resultados:

A procura de ajuda para crianças e adolescentes é geralmente liderada pelos pais, verificando-se que a hesitação na procura de ajuda é uma das preocupações mais frequentemente relatada. Outra barreira parental radica no receio de atitudes negativas por parte de indivíduos que contactem com a criança ao conhecerem a

existência de um diagnóstico: o medo de estigmatização, do julgamento das competências parentais encontra-se relatado, principalmente em perturbações do neurodesenvolvimento. A falta de literacia sobre saúde mental na infância e adolescência é outro dos fatores limitantes, nomeadamente as dificuldades em diferenciar o desenvolvimento normativo dos problemas de saúde mental com relevância clínica. Inversamente, há um aumento da probabilidade de acesso a serviços especializados quando: há maior gravidade e persistência sintomática, na presença de comorbilidades; quando há uma perceção problemática por parte dos pais acerca dos sintomas; quando existe história familiar de acesso prévio a serviços de saúde mental; na presença de psicopatologia parental; em famílias monoparentais; residir em áreas urbanas; quando há mudanças recentes na estrutura familiar e ser de raça caucasiana. A comunicação clínica no âmbito da saúde mental é essencial para uma melhor compreensão do desenvolvimento psicoafetivo normativo de crianças e adolescentes, aumentando a adesão à intervenção clínica nos casos em que se identificam trajetórias desenvolvimentais desviantes. O aumento da literacia em saúde mental, é um importante alvo para direcionar e melhorar a intervenção precoce.

O regresso à escola. E agora? – Saúde MENTAL das crianças

Autores: Cristina Cruz⁽¹⁾, Sofia Ferreira⁽²⁾

1 - Núcleo de Apoio à Família e Aconselhamento Parental

2 - Escola Básica do 2º e 3º Ciclo dos Louros

Introdução:

O luto é caracterizado como uma fase de adaptação face a uma mudança abrupta e repentina. Durante o desenvolvimento, o ser humano passa por diversos processos de luto, caracterizados por um conjunto de reações e emoções. Atualmente, tendo em conta o período que vivenciamos, adultos e crianças passaram por uma fase de adaptação abrupta em que rotinas e hábitos foram alterados para se adaptarem a uma vida dominada por uma pandemia.

Objetivos:

Este estudo teve como intuito a compreensão dos medos das crianças no regresso à escola em tempo de pandemia.

Métodos:

Neste sentido, foi solicitado às crianças do 2º ciclo de escolaridade que realizassem uma narrativa e um desenho que retratasse os seus medos relativos ao regresso à escola. Através do desenho é possível aceder à perceção da criança, sendo este uma das formas de comunicação mais eficazes da mesma, especialmente quando as crianças não são capazes de expressar as

suas emoções ou sentimentos por meio da escrita ou da palavra.

Resultados/Conclusões:

Os principais resultados revelam que o tema mais representado pelas crianças está relacionado com a perda associada à morte por COVID-19 de uma figura significativa. Este estudo permitiu-nos ainda, conhecer os fatores que podem facilitar ou dificultar o processo de luto nas crianças, com o intuito de integrá-lo de forma saudável no seu desenvolvimento e contexto social.

Saúde Mental nos CSP – O papel do médico como aliado do utente

Autores: Ana Rita Delgado⁽¹⁾, Hermengarda Sousa Pinto⁽²⁾, Orlando Vaz⁽³⁾

1- Médica interna de MGF na USF Almedina

2 - Médica especialista em MGF na USF Almedina

3- Médico interno de MGF na USF Almedina

Introdução:

O stress laboral pode condicionar a qualidade de vida do indivíduo com impacto nas relações interpessoais e nos mecanismos auto-regulação do próprio. As perturbações da ansiedade representam um motivo frequente das consultas de cuidados de saúde primários tendo-se verificado um aumento após o início da pandemia.

Enquadramento:

Homem, 36 anos, saudável que recorre a consulta programada na Unidade de Saúde Familiar em Junho/2021 para solicitar análises de rotina e electrocardiograma.

Quando questionado se haveria alguma preocupação que motivasse o pedido dos exames descreve que não se tem sentido bem e que já não se sente a mesma pessoa. Trabalha num call center, em regime de teletrabalho, e refere que tem tido dificuldades em lidar com as exigências no local de trabalho e com o estabelecimento de objetivos cada vez mais inatingíveis. Relata também agravamento das relações interpessoais no seio familiar, principalmente com a esposa e filho: “Já não tenho paciência para

brincar com o meu filho”.

Aumentou o consumo de álcool e a ingestão de alimentos hipercalóricos. Nesta consulta foi explicado ao utente que existe um fator identificado que despoleta o desequilíbrio instalado e que, numa primeira fase, a pesquisa de causas orgânicas não se considera. Referencia-se para consulta de psicologia e marca-se consulta de reavaliação. Explica-se a importância de desenvolver mecanismos de coping e o impacto do burnout.

Conclusão:

A relação entre o médico de família e o utente constitui um elo importante para a identificação, orientação e acompanhamento destas situações, prevenindo assim o desenvolvimento de sintomas mais graves e com tendência à somatização. O tempo estipulado para a consulta de medicina geral e familiar é reduzido o que condiciona a possibilidade de uma abordagem psicoterapêutica inicial eficaz que, muitas vezes, é substituída pela prescrição farmacológica e de exames complementares de diagnóstico desnecessários.

Humanização de cuidados e promoção de saúde mental através das redes sociais

Autores: Filipa Moreira⁽¹⁾, Anabela Silva⁽¹⁾, Ana Sofia Costa⁽¹⁾, Joana Costa⁽¹⁾, João Pedro Araújo⁽¹⁾, João Sousa⁽¹⁾, Pedro Sousa⁽¹⁾, Tiago Flores⁽¹⁾, Cristiana Lopes⁽¹⁾, Susana Oliveira⁽¹⁾, Cristiana Sousa⁽¹⁾

1 - USF Gualtar - ACeS Cavado I - Braga

Introdução:

A crise social associada à pandemia pela COVID-19 tem provocado sofrimento emocional, resultado de situações diversas que estão a atingir de forma transversal todos os estratos sócio-económicos. Promover a Saúde Mental é, não só um imperativo humano, mas também uma medida económica e social que urge adotar. Apesar do reconhecimento desta necessidade não lhe tem sido dada a atenção e investimento necessários.

Objetivos:

Compreender e desenvolver a literacia em Saúde Mental dos utentes de uma Unidade de Saúde Familiar (USF) e aumentar sua capacidade de coping e gestão emocional durante a pandemia COVID-19.

Metodologia:

Projeto de Intervenção em utentes usuários da página institucional de Facebook da USF. Aplicado questionário em dois momentos: após o primeiro e segundo confinamentos. Realizadas divulgações seriadas na área de Saúde Mental na página de Facebook, Newsletter e na página de Instagram (criada durante o período de intervenção).

Resultados:

Obtiveram-se 119 respostas, das quais 21% são do sexo feminino; 67% têm idades compreendidas entre os 31 e os 50 anos e 40.3% têm o 4º ano de escolaridade. 68,1% usa regularmente as redes sociais da USF. Durante a pandemia COVID-19 96,9% referiram sentir stress, 37,8% tristeza, 55% e 83,2% admitiram, respetivamente, que a alimentação e exercício físico podem influenciar o humor.

O medo, stress e isolamento provocados pela pandemia são fortes ameaças à saúde mental. O aumento de tempo nos ecrãs generalizado pode ser encarado como uma oportunidade de comunicação de maior proximidade com os utentes.

A escolaridade não parece ser um obstáculo ao acesso de informação digital, o que indica que este meio de comunicação pode ser útil em diversos grupos populacionais.

As redes sociais constituem uma ferramenta de comunicação muito útil para aumentar a proximidade, a literacia em saúde mental e para promover estratégias de gestão emocional e coping adaptativo nos utentes.

As Competências de Comunicação dos Fisioterapeutas na Intervenção com Indivíduos com Afasia

Autores: Sílvia Queirós⁽¹⁾, Leonor Santos⁽²⁾, Germano Couto⁽³⁾, Rute Meneses⁽⁴⁾

1- Faculdade de Ciências da Saúde; Universidade Fernando Pessoa

2 - Faculdade de Ciências da Saúde; Universidade Fernando Pessoa

3 - Escola Superior de Saúde; Universidade Fernando Pessoa; Cintesis

4 - Centro transdisciplinar de estudos da consciência; Observatório para o envelhecimento; Faculdade de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Fernando Pessoa

Introdução:

A comunicação com indivíduos com afasia é bastante complexa e um fator preponderante para o sucesso da reabilitação. Neste sentido é fundamental dotar os fisioterapeutas de competências que permitam melhorar a comunicação neste contexto específico.

Objetivos:

Identificar as competências de comunicação mais importantes a desenvolver nos fisioterapeutas para melhorar a comunicação na afasia.

Metodologia:

Metodologia Delphi de quatro rondas, através de um consenso de um painel de peritos constituído por 20 peritos em comunicação clínica. A listagem de competências de comunicação a desenvolver foi identificada no final primeira ronda, através da técnica de análise de conteúdo.

Resultados:

Com uma taxa de participação de 95% na primeira ronda foi possível identificar uma listagem de 29 competências de comunicação, das quais somente não foi incluída por não apresentar um consenso entre os membros do painel de peritos, na segunda ronda do estudo. Esta primeira fase do Estudo Delphi foi fundamental por permitir identificar quais as competências de comunicação importantes a desenvolver nos fisioterapeutas para melhorar a comunicação com indivíduos com afasia.

Dar voz a quem não fala

Autores: Catarina Alves⁽¹⁾, Ana Peixoto⁽²⁾

1 - Estudante do 4º ano de Terapia da Fala, da Escola Superior de Saúde do Porto)

2 - Terapeuta da Fala e Professora Adjunta do curso de Terapia da Fala, da Escola Superior de Saúde do Porto

A Comunicação Aumentativa e Alternativa é uma área em evolução e ouvir os testemunhos dos seus utilizadores é fundamental, para corrigir erros de práticas passadas e incrementar o uso de estratégias bem-sucedidas, no futuro.

O estudo teve como objetivo analisar, através do testemunho, a experiência comunicativa e o processo de reabilitação dos utilizadores de Comunicação Aumentativa e Alternativa. Apresentou caráter qualitativo, observacional, descritivo, transversal com base retrospectiva e correspondeu a um estudo de caso descritivo de caso único incorporado. A amostra cingiu-se a um participante escolhido pelas suas características comunicativas e percurso de reabilitação. Foram utilizadas três fontes de informação: um questionário, um livro autobiográfico e um registo videográfico. O estudo seguiu os procedimentos de uma análise de conteúdo, tendo sido codificadas as fontes de acordo com os objetivos em análise.

Foram obtidas 275 citações que permitiram analisar a experiência e opinião do participante sobre: 1- a relação entre profissionais de saúde-utente; 2 - o uso de comunicação aumentativa e alternativa; 3- as barreiras e

limitações do uso de um sistema aumentativo e alternativo de comunicação; 4 - os facilitadores existentes para diminuir as barreiras e limitações; 5 - a experiência comunicativa necessária para utilizar um sistema aumentativo e alternativo de comunicação eficazmente; 6 - os objetivos da comunicação aumentativa e alternativa, na vida diária; e 7 - as melhorias que a comunicação aumentativa e alternativa necessita.

Tendo em consideração os valores de inclusão e integração presentes na sociedade, concluiu-se que é importante redirecionar a intervenção terapêutica. O foco deve deixar de ser, exclusivamente, o utilizador de comunicação aumentativa e alternativa, pois é necessário sensibilizar e partilhar conhecimento com a restante população (profissionais de saúde, familiares, comunidade). Observou-se, também, que deve haver maior formação dos profissionais de saúde para que a prestação de cuidados ocorra de forma eficiente e sem práticas contraproducentes.

